



ANÁLISE RACIAL CRÍTICA DE PODCASTING: uma proposta metodológica¹

CRITICAL RACIAL ANALYSIS OF PODCASTING: a methodological proposal

Paulo Fernando de Carvalho LOPES²
Márcia Gomes da SILVA³

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta metodológica para análise de podcasting sob a perspectiva da raça com base na Teoria Racial Crítica aplicada à comunicação digital (Silva, 2019), na Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (Brock, 2021), no conceito de elementos parassonoros (Kischinhevsky e Modesto, 2014) e a Análise Audioestrutural do Podcasting (Silva, 2022). A Análise Racial Crítica de Podcasting é uma metodologia cujo objetivo é esquematizar uma estrutura de análise para podcasts com a centralidade racial. A hipótese trabalhada é a não existência pesquisas, no Brasil, com metodologias para podcasts jornalísticos que permitam identificar discursos antirracistas. A metodologia utilizada neste trabalho foi a revisão bibliográfica. A aplicação e verificação da proposta permitirá colher dados sobre os referenciais utilizados por podcasters que envolvem a conscientização racial e as lutas contra o apagamento da contribuição histórica e intelectual da população negra do Brasil.

Palavras-chave: Metodologia. Podcasting. Raça. Jornalismo. Antirracista.

Abstract: This article presents a methodological proposal for analyzing podcasting from a racial perspective based on Critical Race Theory applied to digital communication (Silva, 2019), Critical Technocultural Discourse Analysis (Brock, 2021), the concept of parasonorous elements (Kischinhevsky and Modesto, 2014), and Audiostructural Analysis of Podcasting (Silva, 2022). Critical Race Analysis of Podcasting is a methodology whose objective is to outline an analytical framework for podcasts with racial centrality. The hypothesis worked on is the lack of research, in Brazil, with methodologies for journalistic podcasts that allow the identification of anti-racist discourses. The methodology used in this work was the bibliographic review. The application and verification of the proposal will allow collecting data on the references used by podcasters that involve racial awareness and the struggles against the erasure of the historical and intellectual contribution of the black population of Brazil.

Keywords: Methodology. Podcasting. Race. Journalism. Anti-racist.

1. Introdução

A origem etimológica da palavra proposta, constante no subtítulo deste artigo, vem do latim *propono*, que dentre outros significados que dizer pôr à vista, apresentar, oferecer. Amaral (1995, p.12) considera método um caminho, uma direção. Já teoria, do grego

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Doutor em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Coordenador do Grupo de Pesquisa Comunicação e Discursos (JORDIS) E-mail: pafecalo@ufpi.edu.br

³ Bacharel em Ciências Sociais. Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação-UFPI, e-mail: maarciagomessilva@gmail.com

theoreîn, significa olhar através de. Recorremos às origens das três palavras para argumentar que a proposta teórico metodológica que será desenvolvida busca apresentar um caminho, uma forma de olhar, através das questões de raça, um modo de trazer à vista e de escutar podcasts jornalísticos produzidos por pessoas negras.

É bastante antiga a história de uma comunicação sonora negra baseada na tradição oral africana e sua disseminação nas Américas. Essa tradição oral chega nas sociedades afrodiáporicas através de negras e negros que aqui assentaram suas culturas a partir do processo colonial de dominação. A oralidade, compreendida por Martins (2021) como um aparato tradicional de disseminação de conhecimentos, legados e crenças, constituiu-se como prática cotidiana intencional de resistência a partir do período escravocrata.

Contemporaneamente, mesmo com o acesso da população negra afrodiáspórica a determinados materiais e a novas tecnologias, a oralidade continua sendo um meio para difusão de conhecimento e compartilhamento de experiências nas comunidades negras, ocupando novos espaços e se utilizando de outros equipamentos, ao mesmo tempo, em que mantém sua atuação nas formas tradicionais.

Conforme Lu e Steele (2019), a cultura oral negra, agora também on-line, se manifesta mediante tecnologias comunicacionais, sendo usadas por comunidades negras para cultivar resistência. Assim como no passado, de acordo com as autoras, esses grupos utilizam estratégias para a criação de práticas discursivas que escapam ou confrontam a percepção do grupo dominante. Esta metodologia começou a ser esboçada ante a busca de compreensão de como essa cultura oral negra on-line atua em podcasts.

Um dos questionamentos que motivou a elaboração desta proposta metodológica surgiu da inquietação ao ouvir programas sobre temáticas raciais e outros conteúdos midiáticos que abordam questões raciais, os quais amplificam narrativas que destacam o sofrimento da comunidade negra no Brasil. Debater tais questões e tornar visíveis casos de racismo são fundamentais, mas será que apenas isso é o bastante para gerar uma transformação social significativa? Como podcasts jornalísticos, em especial de pessoas negras, estão abordando as questões raciais? É possível observar em tais práticas um jornalismo antirracista?

Como jornalismo antirracista, ou como proposições para um jornalismo antirracista, consideramos, de forma geral, práticas jornalísticas, neste caso, em podcasts, que empregam temas e discussões antirracistas evidenciadas em seus produtos finais como estratégias de

desnaturalização dos discursos que focam na opressão, na naturalização e no silenciamento de questões raciais.

A hipótese trabalhada é que não existia ainda, no Brasil, uma proposta voltada especificamente para podcasting que traga o foco no jornalismo que permita identificar discursos antirracistas. Antes de prosseguirmos faz-se importante deixarmos clara a diferença entre podcasting e podcast. Partindo da compreensão de podcasting através de um viés macro, que implica numa prática cultural e comercial (Viana, 2022). Como prática, o podcasting envolve a interpretação de diversos elementos para sua compreensão, entre eles os atores sociais que as instrumentalizam, o contexto de sua produção, o público ouvinte, os apoios financeiros ou sua ausência e outros pormenores. Já podcast, indissociável à podcasting, constitui-se como o produto final dessa prática, correspondente ao conteúdo sonoro e parassorono disponibilizado nas plataformas de áudio e vídeo. As duas nomeações serão usadas neste texto, mesmo que nosso foco para a análise recaia mais nas falas de podcasters em seus respectivos programas. Essa diferenciação entre podcasting e podcast é fundamental, pois os objetos de escuta a serem analisados estão posicionados como fruto de práticas de um grupo social específico com antecedentes diáspóricos.

A perspectiva da Teoria Racial Crítica (TRC) e sua implicação no âmbito das tecnologias da comunicação, seguindo os fundamentos destacados por Silva (2019), enriqueceu a proposta metodológica. Aliada à TRC (Silva, 2019), também foi utilizado como base para compreensão dessa proposição a perspectiva da Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (CTDA), de acordo com Brock (2021).

A partir dessas perspectivas teóricas-metodológicas foi elaborada a Análise Racial Crítica de Podcasting, desenvolvida visando centralizar as questões raciais nos estudos relativos a podcasts produzidos por jornalistas negras e negros.

2. Outras metodologias na podosfera

Embora as pesquisas sobre podcasts possam ser consideradas recentes, ao longo dos últimos anos, diversas propostas metodológicas foram desenvolvidas de acordo com as características dos objetos de análise. Kischinhevsky (2016) destaca as múltiplas portas de entrada no campo da pesquisa radiofônica na construção de procedimentos metodológicos mais complexos que articulem elementos sonoros e parassonoros em abordagens multimétodos. Concordamos com o autor, quando indica a abordagem multimétodo como um caminho a seguir para olhar os objetos sonoros.

Santos et al. (2018) apresentam uma proposta metodológica para analisar um “podcast antropofágico”. Segundo os autores, a ideia é “contribuir para a construção de produções inovadoras em sensorialidade comunicacional, além de atualizar especificidades da antropofagia para as matrizes sonoras.” (p.01) Eles consideram que o podcast brasileiro possui traços de um processo transcultural e a presença destes pode ser considerada um ato antropofágico.

A Proposta Metodológica de Podcast Antropofágico para Produção em Áudio toma por base os quatro pilares do Movimento Antropofágico (Andrade, 1995) e a Semiótica de Peirce. Os quatro pilares são: a) a adesão ao primitivismo; b) o constante consumo de identidades; c) o entre-lugar da América Latina; d) a exaltação do Nacional. Da Semiótica são usadas três categorias: não-representativo, figurativo e representativo. Os autores entendem que a constituição do podcast acontece a partir de três eixos - forma e plasticidade sonora; conteúdo e distribuição - que possibilitam aproximações com as variáveis da proposta.

Quadros (2016, 2018) desenvolve a metodologia Análise Crítica da Narrativa aplicada ao Radiojornalismo com base na Análise Crítica da Narrativa (Motta 2007, 2013). Nesta proposta, o foco recai sobre a narrativa articulando-a com a hermenêutica, a pragmática, o jornalismo e a narrativa radiofônica. Para a autora, o jornalismo é uma narrativa que ordena e atribui sentidos às experiências humanas, assim como o narrar é uma forma de compreender o mundo, “de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (Leal, 2013, p. 28).

No modelo de análise proposto por Motta (2013), as narrativas possuem três camadas: o plano da expressão, o plano da estória, e o plano da metanarrativa. Entretanto, ele indica que a análise não deve ser feita de forma isolada, e, para isso, propõe um percurso de análise organizado em sete movimentos: (1) compreender a intriga como síntese do heterogêneo, (2) compreender a lógica do paradigma narrativo, (3) deixar surgirem novos episódios, (4) permitir ao conflito dramático se revelar, (5) personagem – metamorfose de pessoa a persona, (6) as estratégias argumentativas e (7) permitir às metanarrativas aflorar.

Tomando o plano de análise de Motta (2013) para identificar as especificidades da narrativa radiofônica, a autora considera que, no âmbito do plano de expressão, a linguagem que constitui a narrativa radiofônica é composta pelo texto escrito, o texto falado, os ruídos, os silêncios, a música e os efeitos sonoros. No plano da estória, os procedimentos

institucionalizados e as convenções estabelecidas identificam os valores-notícia, a forma de tratamento das fontes, as estratégias de construção do texto, os procedimentos de apuração, a construção do lead, as formas de hierarquização das informações, etc. Por fim, no plano da metanarrativa estão os temas ou valores de fundo que ordenam o cotidiano de acontecimentos. Quanto aos movimentos, a autora considerou que para a narrativa radiofônica seriam necessários apenas quatro: reconstruir a narrativa; compreender o paradigma narrativo; identificar as personagens; e, identificar os critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores.

Mesmo não sendo uma análise específica de podcast, a discussão acima é importante porque Viana (2023) propõe a Análise Crítica no Jornalismo Narrativo em Podcasting confluindo na perspectiva da narrativa apresentada pelos dois autores acima, no entanto, focando nas produções de jornalismo narrativo em podcasts. A autora parte, também, dos três planos de análise de Motta (2013) para construir suas questões relacionando-as às estratégias utilizadas pelo narrador para intensificar a potencial experiência imersiva do ouvinte para, assim, compreender o lugar do narrador no jornalismo narrativo em podcasting.

De acordo com ela, é importante partir de quatro características presentes no jornalismo narrativo em podcasts para compor sua proposta: 1. a construção de uma narrativa potencialmente imersiva; 2. a emergência do narrador; 3. o uso de ganchos que remetem à dramaturgia; e 4. a apuração exaustiva.

Lopez e Alves (2019) apresentam uma proposta metodológica para analisar podcasts seriados com foco em objetos jornalísticos narrativos considera a serialização um elemento transversal importante. Eles partem do conceito de serialização (Machado, 2000) por a considerar um artifício que determinada narrativa dispõe durante seu desenvolvimento de forma episódica. Os autores aplicam as três categorias de narrativas serializadas de Machado (2000) para ver como a narrativa seriada pode se manifestar no podcast, salientando que o autor tomou por base sua experiência em analisar produtos televisivos, são elas: capítulos, episódios seriados e episódios unitários.

Lopez e Alves (2019) consideram a serialização em percurso metodológico organizada pelo acontecimento, a composição acústica e o acionamento de personagens. A primeira delimitação da proposta sugere três eixos de análise - o caráter narrativo seriado; o caráter jornalístico e a composição acústica. Em estudo anterior, Lopez (2019, 2022) apresentou uma proposta de Análise de Composição Narrativa Sonora de Produtos Seriados

com sete categorias que serão também as utilizadas pelos autores supracitados na análise de : 1) história dos episódios e dos elementos básicos que os compõem; 2) o argumento principal e as micronarrativas que o complementam; 3) organização dos personagens ; 4) exploração de histórias de vida; 5) organização dos personagens centrais; 6) sentimentos centrais nas histórias ; e 7) a caracterização como série.

Por fim, a Análise Audioestrutural do Podcasting⁴ (Pinheiro; Mustafá; Silva, 2021, Silva, 2022) propõe uma metodologia, com aspectos quantitativos e qualitativos, que avalie um grande volume de informações contidas no podcast ajudando a compreender o perfil do podcast; as características estruturais do episódio; a análise sonora e descritiva dos conteúdos abordados e as dimensões social, cultural, econômica ou política.

Silva (2022) destaca que as categorias e unidades de análise foram adaptadas para o formato sonoro, considerando as propostas de Análise de Conteúdo, de Bauer (2002) e Bardin (2006), e a Análise da Materialidade Audiovisual, de Coutinho (2016) que classifica em unidades em texto, som, imagem, tempo e edição. As categorias norteadoras possuem dois momentos quantitativos e um qualitativo: o primeiro é a identificação do podcast; segundo, estrutura do episódio; e, terceiro, o conteúdo, fase qualitativa de contextualização do material.

As unidades de análise para identificação do podcast são: estrutura, plataforma, tipo, periodicidade, apresentação, participação, expansão, duração, design de imagem, design sonoro e associação. As unidades para identificar a estrutura do episódio são: tema/título, palavra-destaque, repetição, identificação do episódio, minutagem, fonte e classificação da fonte. Para o conteúdo, encontram-se duas unidades de análise: análise do material e contextualização do material.

Os exemplos acima mostram que as pesquisas em podcasting vem apresentando ferramentas metodológicas que buscam, como destaca Viana (2023) , “adaptar as já existentes levando em conta as particularidades do objeto sonoro” (p.36) sem perder de vista as questões apontadas por Kischinhevsky et al. (2016) ao defenderem a existência de mais abordagens multimétodos.

3. Bases teórico- metodológicas para um caminho em construção

⁴ Análise Audioestrutural de Podcasting está na dissertação de mestrado ‘As fontes no podcast Mamilos: uma proposta de análise audioestrutural’, de Gessiela Nascimento da Silva, sob orientação de Roseane Arcanjo Pinheiro e coorientação de Izani Pibernat Mustafá.

Colocar a população negra como figura central, nesta proposta, é observar as estratégias operacionalizadas por ela na contemporaneidade, observando sua atuação no campo comunicacional, suas potencialidades, eficácia, limitações e diálogos com os referenciais desta tradição de luta política e teórica.

Desse modo, a presente proposta metodológica para análise de podcasting na qual seja possível conseguir analisar nossos dados de pesquisa no âmbito de práticas antirracistas passamos a apresentar a abordagem macro da Teoria Racial Crítica.

A Teoria Racial Crítica é instrumentalizada em dois níveis neste trabalho, primeiro como postura epistemológica e, segundo, como referencial analítico das abordagens antirracistas.

Como abordagem macro, uma perspectiva fundamentada na Teoria Racial Crítica, ao examinar a comunicação digital, se sustenta nos seguintes pilares: (1) ordinariedade do racismo; (2) raça como construção social; (3) interseccionalidade; (4) conhecimento experencial; (5) transformação social e (6) interdisciplinaridade. Esses princípios são importantes na arquitetura metodológica que está sendo construída ao longo deste artigo. Porém é necessário, antes de prosseguir, fazer uma contextualização de cada um dos pilares.

A compreensão das categorias de ordinariedade do racismo e da raça como construção social é fundamental visto que se parte do pressuposto de que as sociedades afrodiásporicas foram assentadas a partir de uma exploração violenta de sujeitos negros. Como resultado desta ação, o racismo enquanto opressão é perpetrado através de práticas cotidianas que se retroalimentam em modos de falar, tanto numa dinâmica individual quanto coletiva e institucional dentro de várias esferas de poder. Nesse contexto, a fala desempenha um papel fundamental, pois pode contribuir tanto para a perpetuação quanto para a desconstrução do racismo.

Dentro de uma dinâmica de poder centrada na opressão, naturalização e silenciamento opera o racismo na grande parte da mídia brasileira. A proposta metodológica traz luz também à questão de que o podcasting, enquanto tecnologia comunicacional, em sua ordinariedade, pode ser projetada para um viés de raça, atentando às formas como instrumentalizam uma comunicação comprometida no combate ao racismo.

A perspectiva da transformação social na proposta de investigação das marcas que apontem para a construção de propostas cujos dizeres coadunem para uma sociedade cada vez mais antirracista no Brasil. Focando nas maneiras pelas quais as/os podcasters cultivem

novas abordagens para pensar as questões raciais no jornalismo e na comunicação como um todo.

A transformação social, desta vez, no âmbito acadêmico, também está contemplada nesta proposta, considerando as contribuições de autoras negras e autores negros com obras de fundamentos antirracistas e temas amplamente debatidos nos círculos acadêmicos por versarem em temáticas referentes às questões raciais. Isto foi realizado a partir de uma minuciosa colheita teórica nas áreas das Ciências Sociais, da Comunicação e dos estudos de podcasting, de modo a condizer com a amplitude das problematizações propostas.

Silva (2019, p. 141) define conhecimento experencial, como “o reconhecimento do ponto de vista da população e dos pesquisadores e de minorias políticas e sexuais como agentes de construção de conhecimento”. Partindo deste pressuposto, o conhecimento experencial configura-se por meio da escolha intencional de focar nas falas de podcasters visando a compreensão de estratégias antirracistas.

Conforme argumentado por Silva (2019), a perspectiva da interseccionalidade emerge no contexto dos Estados Unidos, a partir do cruzamento entre a Teoria Racial Crítica e os Estudos Feministas, buscando compreender como as opressões de raça e gênero se entrelaçam, especialmente no impacto sobre mulheres negras.

Esse conceito, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, inicialmente destinava-se a destacar tais questões no campo jurídico, porém, gradualmente, foi adotado para aplicação em outras áreas de análise. Nesse sentido, Collins e Bilge (2020) argumentam que a interseccionalidade é comumente utilizada como ferramenta analítica para identificar as categorias e os marcadores da diferença de forma a interpretar uma pluralidade de problemas sociais e raciais como ponto de partida para propor estratégias de resolução de tais problemas.

É importante enfatizar que, consoante às autoras, este emprego da interseccionalidade “não está circunscrita às nações da América do Norte e da Europa nem é um fenômeno novo. No Sul global, a interseccionalidade é usada frequentemente como ferramenta analítica, mas não recebe essa denominação” (Collins e Bilge, 2020, n.p.).

Nessa perspectiva, por exemplo, a intelectual feminista negra brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), referência nos estudos sobre mulheres negras no Brasil, enfatiza a tripla discriminação que perpassa mulheres negras brasileiras, provindos dos marcadores de raça, gênero e classe. Esta prerrogativa também foi empreendida, assim como foi por Lélia

Gonzalez, por diversas outras feministas negras afrodiásporas, dentro e fora do meio acadêmico desde os anos 1970 (Vigoya e Pinho, 2023).

Sendo assim, a perspectiva interseccional é operacionalizada inicialmente nessa proposta por meio do foco na intersecção, raça e gênero, como interlocutoras e centralizando nas inventividades. Essa perspectiva se baseia na construção de estratégias de sobrevivência de pessoas negras a datar do período escravocrata até os dias atuais. Conforme apontado por Gonzalez (2020), mulheres negras tiveram grande contribuição na disseminação e no assentamento da cultura negra no Brasil, visto que, uma das principais artimanhas coloniais estava empreendida no apagamento desta cultura.

Além do mencionado, no campo teórico e dos movimentos sociais, mulheres negras, a partir do feminismo negro e posteriormente através dos estudos feministas, foram responsáveis por debruçar-se nas diversas opressões que assolam este grupo social, de modo a propor estratégias de melhoria no âmbito político, econômico, da saúde, da educação, da comunicação, entre outros (Bairros, 1995; Carneiro, 2003).

Outra contribuição para compreensão do referencial de análise a ser proposto no próximo item é a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso, Brock (2021). O autor indica um conjunto de ferramentas metodológicas e um conjunto de lentes teóricas para fornecer uma análise holística das interações entre tecnologia, ideologia cultural e prática tecnológica. Ele parte da premissa que raça é uma construção sociocultural que obtém sua energia nas tensões ideológicas entre estrutura e representação cultural. A proposição utiliza a teoria crítica cultural para analisar o discurso mediado por tecnologias e chama atenção que o conceito de tecnocultura é entendido como tecnocultura negra cujas práticas cotidianas de sujeitos negros são realizadas por meio de práticas digitais.

Embora o estudo realizado por Brock (2021) seja especificamente sobre o *Black Twitter*, e bem mais complexo do que este espaço permite desenvolver, optamos por duas de suas categorias metodológicas para análise - análise de interface e análise crítica do discurso, por as entendermos como bases estruturantes do arcabouço final da nossa proposta, mesmo ser termos nos referido explicitamente a elas.

A análise de interface é uma investigação interpretativa baseada em descrição mais aprofundada do objeto estudado. Ela solicita a inclusão dos fatores materiais, econômicos, históricos e culturais que levam ao design e o uso de um determinado artefato midiático digital. A análise crítica do discurso é fortemente influenciada pelos estudos de Wodak

(2000). É preciso fazer um extenso contexto sociocultural para validade e inteligibilidade do texto a ser lido, no nosso caso, do texto sonoro a ser escutado.

Análise Crítica Tecnocultural do Discurso é voltada para a análise de tecnologias digitais. Ela explora as relações entre tecnologia e cultura, trazendo para o centro da análise não só a funcionalidade das tecnologias comunicacionais, ou seja, para que foram projetadas, mas também como determinados grupos sociais operacionalizam essas tecnologias, construindo usos e sentidos próprios com base em referenciais culturais desse grupo.

Em uma pesquisa feita, Brock (2021) identificou que preto significava práticas discursivas como performance, audiência, ritual e catarse. Ao mapear de perto as características do discurso do *Twitter* sobre endereçamento, concisão e redes, a estrutura conceitual permitiu definir, descrever e analisar o uso do discurso negro no *Twitter* a partir da perspectiva daqueles que empregá-lo para articular sua identidade e as estruturas da vida cotidiana.

Finalizando este item das contribuições teóricas, Kischinhevsky e Modesto (2014) destacam que os estudo de radiofonia não podem dar apresentar apenas os elementos sonoros. Para o avanço das pesquisas, é fundamental a inclusão dos elementos parassonoros. Deste modo, a proposta abaixo busca identificar estes elementos que, de acordo com os autores, são: fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações de sites de emissoras, aplicativos e arquitetura de interação de perfis de emissoras em redes sociais online. Optamos por colocar a Análise Audioestrutural do Podcast no item acima por entendermos que ela contribui tanto com o contexto histórico quanto como uma fonte de livre inspiração para o modelo que passamos agora a apresentar.

4. Análise Racial Crítica de Podcasting

A Análise Racial Crítica de Podcasting foi desenvolvida com o objetivo de centralizar questões raciais para além do conteúdo em áudio digital em podcasts. Isso inclui não apenas analisar os discursos proferidos nos episódios, mas também considerar como os/as podcasters projetam e utilizam essa mídia para fins específicos, recorrendo às ferramentas e à mecânica fornecidas por ela.

O podcasting, como mídia de características fluidas, oferece um campo fértil para a compreensão de como o conteúdo jornalístico é abordado a depender de seus produtores, vinculação de financiamento, público-alvo, entre outras variáveis. Desse modo, ao contextualizar o desenvolvimento do podcasting juntamente com sua operacionalização para

conteúdos jornalísticos e a presença atual da podosfera negra, tivemos em vista identificar as proximidades e distanciamentos da prática de nossas interlocutoras de pesquisa, jornalistas negras, nesse meio a partir desses referenciais, buscando também captar suas particularidades.

Os podcasts possuem uma variedade de formatos, tanto em relação à quantidade e duração dos episódios gravados e a frequência de postagens, quanto a respeito da diversidade de assuntos tratados. Diferentemente de outras mídias, o podcast oferece aos produtores a liberdade de criar características e normas distintas, proporcionando um meio vantajoso para grupos sociais marginalizados pela grande mídia (Barner, 2021). Nesse sentido, a produção de podcasts possibilita a seus criadores um espaço favorável para construção de narrativas de diferentes grupos, a diversidade de formatos e temas tratados faz com que podcasters tornam-se protagonistas de suas próprias narrativas e também criem conteúdos sem muitas restrições.

Como funcionalidade técnica apontamos nos podcasts os elementos sonoros e parassonoros (Kischinhevsky e Modesto, 2014), os autores destacam também extensões em sites e nas redes sociais digitais, para dar conta do desenvolvimento dessa proposta, focamos no aparato de ordem visual que chega ao público antes do áudio digital disposto na interface na plataforma de streaming *Spotify*, usada como observável na aplicação de uma pesquisa. Entre eles estão: título do podcast e do episódio, fotos e/ou ilustrações da capa do programa e dos episódios, descrição do podcast e dos episódios. A partir desses dados, verificamos a data de estreia do podcast e data de publicação dos episódios, periodicidade, se o nome das podcasters são informados, a região na qual o podcast se origina, a vinculação de financiamento, a duração dos episódios e se há informações sobre como ocorre a interação com a audiência.

Os elementos parassonoros evidenciam questões de endereçamento, como a conexão entre título e conteúdo, e visualidades que elucidam o público sobre o conteúdo dos programas e episódios, entre outras questões. A partir disso, busca-se identificar como o grupo estudado utiliza o aparato técnico disponível no podcasting, em específico na plataforma de streaming *Spotify*, e se essas práticas estão ou não apoiadas em abordagens antirracistas.

Dessa forma, consideramos os seguintes elementos parassonoros do podcast: título; descrição; ano; podcasters; região; tipo de financiamento; periodicidade; interação com a audiência. Sistematizamos a seguinte colheita de dados, primeiramente reunindo informações

sobre cada podcast e, em seguida, sobre cada episódio analisado. A escolha das unidades de análise referentes aos elementos parassonoros dos podcasts se justifica pela apresentação de dados qualitativos em forma de textos e imagens, contribuindo para o entendimento da identidade do programa.

A escolha das unidades de análise referentes aos elementos parassonoros dos podcasts se justifica pela apresentação de dados qualitativos em forma de textos e imagens, contribuindo para o entendimento da identidade de podcasts.

Tabela 1 - Elementos parassonoros do podcast

CATEGORIA	UNIDADE
Título	título do podcast
Descrição	descrição presente no perfil do podcast nas plataformas de áudio e vídeo
Ano	ano de estreia – ano de encerramento
Podcasters	nome das podcasters
Região	região onde o podcast está sendo produzido
Tipo de financiamento	empresarial; terceiro setor; financiamento coletivo; sem financiamento
Periodicidade	diário; mensal; quinzenal; mensal; sem

	definição
Interação com a audiência	canais de interação dentro e fora da plataforma agregadora

Fonte: SILVA, 2024.

Tabela 2 - Elementos parassonoros dos episódios

CATEGORIA	UNIDADE
Título	título do episódio
Descrição	texto de apoio do episódio
Data de publicação	data que o episódio foi publicado
Tempo do episódio	duração do episódio analisado
Podcasters	nome das podcasters que apresentam o episódio
Convidados	nome dos convidados do episódio
Classificação dos convidados	notável; testemunhal; especializada baseado na classificação de fontes (SCHMITZ, 2011)

Fonte: SILVA, 2024.

A identificação dos elementos parassonoros dos episódios analisados torna-se relevante, pois entendemos o podcasting como uma mídia que possui maior fluidez de produção e experimentação. No podcasting, a duração dos episódios varia, a abordagem das pautas difere de um episódio para outro, a presença de convidados pode ser intermitente, e diferentes apresentadores podem conduzir o programa.

Essas categorias apresentadas nas tabelas 1 e 2 ajudam a reunir dados referentes às características dos podcasts. Em seguida, foram utilizadas para reunir os dados referentes às especificidades de cada episódio analisado. Isso significa que, neste último caso, tais categorizações foram aplicadas a cada um dos episódios a serem analisados.

Por meio da transcrição de cada episódio e da atenta escuta, é possível identificar os pormenores da linguagem sonora. Posteriormente, ao analisar a temática racial e as diferentes abordagens relacionadas a esse tema, é possível examinar o grau de aprofundamento em cada uma delas. Um ponto de destaque na Análise Crítica Tecnocultural do Discurso, de acordo com Brock (2021), é a premissa de que a teoria utilizada deve corresponder à perspectiva do grupo estudado e a centralidade do uso das tecnologias desse grupo como referencial de análise. É importante destacar a relação entre interface, identificação do podcast e elementos parassonoros.

Em seguida, passamos agora a reunir os dados referentes às especificidades de cada programa ou episódio. Ou seja, como o conteúdo em áudio digital disponibilizado nos episódios analisados, considerado como discurso, traz as falas dos/as podcasters, a identidade sonora adotada a partir da vinheta, das sonoras, das trilhas e dos efeitos sonoros utilizados (Ferrareto, 2014), o eixo estrutural adotado (Viana; Chagas, 2021).

Por meio da transcrição de cada episódio e atentos à escuta dos mesmos, conseguimos identificar os pormenores da identidade sonora. Posteriormente, é possível analisar a temática racial abordada e as diferentes pautas relacionadas a esse viés, examinando o grau de aprofundamento em cada uma delas.

Um ponto de destaque na Análise Crítica Tecnocultural do Discurso, de acordo com Brock (2021), é a premissa de que a teoria utilizada deve corresponder à perspectiva do grupo estudado e à centralidade do uso das tecnologias desse grupo como referencial de análise.

Embora este autor utilize Wodak (2000) para pensar o discurso, vamos buscar no modelo tridimensional de Fairclough (2001) a estrutura para compor a base discursiva.

A concepção tridimensional de discurso é constituída pela análise *textual*, que busca a descrição do texto; a análise *discursiva*, que visa à interpretação da relação entre o texto e os processos discursivos; e a análise *sociocultural*, que procura a explicação da relação entre os processos discursivos os processos sociais. No âmbito do textual, o destaque é para o aspecto linguístico com foco no vocabulário que possibilita a lexicalização e relexicalização de palavras.

Dialogizando com as duas primeiras linhas da coluna, o primeiro ajuda a entender a ordinariedade do racismo e o segundo, a raça como construção social. Passando para análise discursiva, a força dos enunciados nos tipos de atos de fala desempenhados é encontrada no conhecimento experiencial e as relações entre ordens de discurso na quarta linha - transformação social. Na análise sociocultural, as relações de poder ficam mais claras tanto na ideologia quanto na hegemonia. A primeira é identificada nos aspectos textuais investidos ideologicamente, ou seja, no item interseccionalidade e a segunda, luta para articular, desarticular e rearticular complexidades ideológicas, na interdisciplinaridade.

TABELA 3 - Análise Racial Crítica de Podcasting

Princípios da Teoria Racial Crítica (Silva, 2019)	Práticas antirracistas baseadas em Almada (2012), Domingues (2016), Pinto (2010) e Ribeiro (2019)	Interpelações das práticas antirracistas
Raça como construção social	Reconhecimento e articulação do conceito de racism	Uso dos termos “branco”, “negro”, “negra”, “preto”, “preta” “racismo”, “racista”
Ordinariedade do racism	Debate acerca dos usos e sentidos do racismo	Visibilidade das questões raciais; reconhecer o racismo internalizado nas próprias práticas; Evidenciamento dos lugares sociais direcionado à

		negras(os)
Conhecimento experiential	Citação da trajetória de autores, intelectuais, personalidades negras, incluindo as próprias as podcasters e jornalistas negras e suas fontes	Citação da trajetória de autores, intelectuais, personalidades negras, incluindo os/as próprios/as jornalistas negros/as, apresentados nos elementos sonoros e parassonoros
Transformação social	Denúncia à violência racial	Pautar temas relacionadas a violência contra população negra; Evidenciar as estruturas que proporcionam esse grupo social está sujeito à pobreza, criminalidade, entre outras mazelas
	Edificação de uma voz coletiva entre negros e negras	Evidenciar narrativas prósperas de negros e negras; Evidenciar contribuições históricas da população negra brasileira;

	<p>Construção de redes de solidariedade entre grupos negros (dentro do podcast)</p>	<p>Papel educativo - disseminação de arcabouço teórico produzido por negras e negros relacionado à temas diversos, incluindo temáticas raciais</p> <p>Papel crítico - articulação crítica frente às desigualdades raciais e sociais</p> <p>Papel cultural - Promoção e apoio à expressão artística abrangendo literatura, música, teatro e artes visuais criadas por indivíduos negros</p>
	<p>Construção de redes de solidariedade entre grupos negros (na podcastsfera)</p>	<p>Parcerias entre podcasters, divulgação de podcasts produzidos por pessoas negras, participação de outras (os) podcasters negras (os) nos podcasts analisados.</p>
Interseccionalidade	<p>Marcadores identitários de raça, gênero, classe, faixa etária, territorialidade, entre outros nos elementos sonoros e parassonoros</p>	<p>Marcadores identitários de raça, gênero, classe, faixa etária, territorialidade, entre outros nos elementos sonoros e parassonoros</p>
Interdisciplinaridade	<p>Fontes de conhecimento teóricas ou não teóricas advindas de campos diversos</p>	<p>Fontes de conhecimento teóricas ou não teóricas advindas de campos</p>



	presentes nos podcasts	diversos	presentes	nos
--	------------------------	----------	-----------	-----

FONTE: SILVA, 2024.

Nesse sentido, as categorias da primeira coluna são apoiadas nas mesmas elencadas na Teoria Racial Crítica. Na segunda coluna, as abordagens antirracistas baseadas em Almada (2012) e sua proposição sobre as dinâmicas comunicacionais brasileiras considerando a raça, no estudo de Domingues (2016/2018) sobre as estratégias antirracistas empreendidas por diversos grupos negros no Brasil pós-abolição, em Pinto (2010), sobre a experiência da imprensa negra brasileira e em Ribeiro (2019) articuladas a cada categoria da primeira coluna. Na terceira coluna são as interpelações feitas através do discurso.

Relacionando os fundamentos da Teoria Racial Crítica com podcasting, compreendemos que a raça como construção social parte do pressuposto de compreender as dinâmicas raciais como fruto de um sistema de opressão que inferioriza pessoas negras, mas também está relacionada às identidades culturais constituídas como forma de resistência.

Dessa maneira, a raça como construção social pode informar questões como os níveis de conscientização empregada nas falas das podcasters, o aprofundamento de tais questões e os possíveis usos de termos baseadas no processo histórico nos quais estão inseridos.

A ordinariedade do racismo está relacionada à compreensão de que o racismo opera cotidianamente nas diferentes esferas a partir das relações de poder. Nesse sentido, informa os modos como o conceito de racismo é abordado nos podcasts e ainda como o racismo pode ser reproduzido nas falas.

O conhecimento experencial corresponde à abordagem do conhecimento de pessoas negras como construtores de saberes, indicando assim os referenciais utilizados, incluindo o quão abordado são as perspectivas experenciais das podcasters negras e seus convidados.

A transformação social é referente à agência da Teoria Racial Crítica, tendo em vista como práticas antirracistas no âmbito jornalístico operam mudanças na realidade social, e em que nível isso está sendo empregado nos podcasts.

Interseccionalidade, usada para interpretar os problemas sociais a partir do cruzamento dos marcadores da diferença, direciona o olhar para as formas pelas quais as podcasters baseiam-se na intersecção de marcadores sociais na interpretação do conteúdo noticioso abordado nos podcasts. Por fim, a interdisciplinaridade pressupõe uma multiplicidade de fontes de conhecimento utilizadas pelas podcasters, seja por meio de referências teóricas ou não teóricas, e examina em que contexto essas referências aparecem.

5. Considerações Finais

Estudar podcasts, escutá-los e analisá-los é uma tarefa exaustiva que requer paciência. A cada nova escuta, múltiplos pormenores surgem para serem detalhados e referenciados, proporcionando um amplo campo de categorias de análise e um robusto aporte teórico que pode ser utilizado.

Além disso, estudar podcasts produzidos por pessoas negras e/ou que abordam questões raciais exige a consideração dos processos que envolvem a conscientização racial e as lutas contra o apagamento da contribuição histórica e intelectual da população negra no Brasil. As sinuosidades do racismo estão enraizadas em práticas que moldam a sociedade brasileira, impactando a consciência coletiva e se desdobrando em diversos âmbitos, incluindo o campo comunicacional.

Nesse sentido, a presente proposta metodológica buscou, em um primeiro momento, desenvolver um modo coerente e eficiente de analisar podcasts sob uma perspectiva racial. Para isso, traçamos um referencial analítico que dialoga com o contexto sociocultural tanto de quem produz o podcast quanto do repertório discursivo presente no produto sonoro, considerando também as complexidades dessa mídia híbrida em termos de usos e sentidos atribuídos a ela.

Embora tenha sido desenvolvida para a análise de podcasts produzidos por pessoas negras e/ou iniciativas antirracistas, a proposta aqui apresentada também pode servir de base para a investigação de outros marcadores sociais. Para isso, é fundamental considerar um referencial analítico e teórico adequado ao grupo social ao qual esses podcasters e podcasts estão vinculados.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, S. Prefácio. In: **Mídia e Racismo**. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. BORGES, R. C. S.; BORGES, R (Org.). Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMARAL, M.T. **O homem sem fundamentos** - sobre linguagem, sujeito e tempo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BAIRROS, L. Nossos feminismos revisitados. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 3, n.2, p. 458-463, 1995.
- BARNER, B. N. **The Last Place They Thought Of**: Black Podcasts and the Performance of Marginalization. Dissertation. University of Texas, Austin. 175p. 2021.
- BONINI, T. Prefácio. In: SANTOS, S, MIRANDA, J (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.
- BONINI, T. A "segunda era" do podcasting: reenquadramento o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Marina-MG, v.11, n.01, p.13-32, jan./abr. 2020.
- BROCK, A. Critical Technocultural Discourse Analysis. In: **New Media and Society**. Nov 11 Volume 20, Issue 3, 2016. Disponível em : <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444816677532> Acesso em: 26 jul. 2023.
- CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados. 17(49), 117-133, 2003. Disponível em : <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948> Acesso em: 26 mai. 2023.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo 2020.
- CRENSHAW, K. **Demarginalizing the intersection of race and sex**: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?Article=1052&context=uclf> Acesso em: 18 mar. 2023.
- DOMINGUES, P. Negro no Brasil: histórias das lutas antirracistas. In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. **Histórias afro-atlânticas**: [vol.2] antologia. São Paulo: MASP, 2018.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KISCHINHEVSKY, M.; MODESTO, C. Interações e mediações – Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação Vol. 2, nº 3, janeiro-junho/2014.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias Sociais**: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KISCHINHEVSKY, M el al. Estudos radiofônicos no século XXI – Perspectivas metodológicas dos trabalhos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom entre 2001 e 2015. In: ZUCULOTO, V.; LOPEZ, D. C.; KISCHINHEVSKY, M. (org.). **Estudos radiofônicos no Brasil**: 25

anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: Intercom, 2016, v. 22, p. 142-155.

LOPEZ, D. C.; ALVES, J. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. INTERCOM. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém - PA – 2 a 7/09/2019 Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf> Acesso em 17 de out. 2023

LOPEZ, D. C. Novo Rádio, Velhas Narrativas: Apropriações Estéticas na Ficção e no Jornalismo Sonoros. Covilhã (PT):Editora LabCom, 2022. Disponível em: https://labcomca.ubi.pt/wp-content/uploads/2022/09/202204_NovoRadio_DeboraLopez.pdf. Acesso em 18 de out. 2023

LU, J. H.; STEELE, C. K. 'Joy is resistance': cross-platform resilience and (re) invention of Black oral culture online. **Information, Communication & Society**, 2019.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

PINHEIRO, R. A.; MUSTAFÁ, I.; SILVA, G. N. Análise Audioestrutural do Podcast: uma proposta metodológica para formatos sonoros. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 8, p. 158-166, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60148/35082>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PINTO, A. F. M. **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

QUADROS, M. **A narrativa como perspectiva teórica e metodológica para o estudo do jornalismo radiofônico**. INTERCOM. 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016

QUADROS, M. Análise de narrativas jornalísticas radiofônicas: reflexões sobre os desafios metodológicos da pesquisa em rádio. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. MAIA, M.; MARTINEZ, M. (Orgs) Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SANTOS, L et all. **Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação**. INTERCOM. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0669-1.pdf> . Acesso em: 07 abr. 2023.

SCHMITZ, A. **Fontes de notícia**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, T. **Teoria Racial Crítica e a Comunicação Digital**. Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodispóricos. SILVA, Tarcízio (Org.). LiteraRUA, 2019.

SILVA, G. N. **As fontes no Podcast Mamilos**: uma proposta de análise audioestrutural. 2022. 134f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação), Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022. Disponível em: https://www.ppgcom.ufma.br/wp-content/uploads/2022/09/Dissertacao_GessielaNascimento.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.



VIANA, L. **Desafios metodológicos em pesquisas de rádio e mídia sonora: a análise crítica da narrativa em podcasts como abordagem emergente.** INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2022. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0713202208565362c>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VIGOYA, M. V; PINHO, O. Interseccionalidade. In: **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas.** RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTI, A. (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2023.

WODAK R. The discourse-historical approach. In WODAK R and MEYER M. (eds) **Methods of critical discourse analysis.** New York: Sage. 63-94. 2001.